

**Deslocamentos e entre-lugares: *Zwischen Lagos und Berlin* de Karo Akpokiere / *Displacements and in-between places: the work “Zwischen Lagos und Berlin” of Karo Akpokiere***

Valdir Pierote Silva\*

RESUMO

O artigo se apoia no estudo de parte da obra *Zwischen Lagos und Berlin*, do artista nigeriano Karo Akpokiere, com o propósito de contribuir com as discussões sobre a relação entre os deslocamentos humanos e a arte. Por meio dessa produção artística, é possível transitar tanto pela violência das políticas de fronteiras como pelo embaralhamento vitalista provocado nos entre-lugares.

**PALAVRAS-CHAVE:** Migração; Deslocamentos Humanos; Arte; Arte Contemporânea Africana

ABSTRACT

*This article is anchored in the study of the work *Zwischen Lagos und Berlin* by Nigerian artist Karo Akpokiere. The purpose of this text is to contribute to discussions about the relationship between human displacement and art. Through the artistic production of Karo Akpokiere, it is possible to transit both the violence of border policies and the vitalist mix generated in between places.*

**KEYWORDS:** Migration; Human Displacements; Art; Contemporary African Art

\* Mestre em Estética e História da Arte pelo Programa de Pós-Graduação Interunidades em Estética e História da Arte da Universidade de São Paulo - USP, São Paulo, São Paulo, Brasil. O presente artigo baseia-se em parte da dissertação de mestrado do autor, denominada *Artistas do deslocamento: cinco estudos em arte contemporânea africana* (2019). v.pierote@yahoo.com.br

## Introdução

Atravessar o mundo, dar-se conta de quanto há de casual no lugar onde nascemos e do peso da arbitrariedade e imposição que esse lugar adquire; abraçar o fluxo irreversível do tempo da vida e da existência; aprender a assumir nosso *status* de passantes, que é, talvez, em última instância, a condição de nossa humanidade, a base a partir da qual criamos a cultura.

(MBEMBE, 2013, p. 61)

O trabalho *Zwischen Lagos und Berlin* de Karo Akpokiere participa de um universo de produções artísticas que abordam, de diferentes maneiras, os deslocamentos e as diversas modalidades de circulação pelo mundo. No caso específico aqui apresentado, destacam-se os desafios e embaraços instituídos pelas fronteiras e pelos limites da categoria de Estado-nação, especialmente para as pessoas marcadas como indesejáveis, aquelas que são textualizadas pelos discursos xenófobos e racistas como “inferiores”, “perigosas”, “subdesenvolvidas” e “ilegais” (MBEMBE, 2019).

Por meio de elementos oferecidos pelo trabalho de Akpokiere, o artigo sublinha as desigualdades nos graus de liberdade para mobilidade, bem como dois grandes regimes de circulação pelo mundo: um ligado às pessoas e mercadorias (materiais e imateriais) necessárias à manutenção dos fluxos do mercado capitalista global (turistas, executivos e representantes do sistema financeiro, bens culturais, modelos de vida etc.), e outro que compreende os humanos fixados em lugares rígidos, cujo controle e subalternização estão ainda sob a égide de um poder disciplinar e territorializado. Alta circulação de um capitalismo mundial financeirizado integrado e, simultaneamente, barreiras e violências contra a circulação de insurgentes diante das políticas de fronteiras.

Assim, o propósito do presente artigo, que se constitui a partir do estudo de parte da obra *Zwischen Lagos und Berlin*, é contribuir com as discussões sobre a relação entre os deslocamentos humanos e a arte. Trata-se de transitar por várias formas de movimento, mudanças e transformações e, ao mesmo tempo, indagar os diversos regimes de passagem e a tessitura das

espacialidades, além de destacar certo esfacelamento das localizações absolutas em favor de *entre-lugares*.

## 1 *Zwischen Lagos und Berlin*

Nascido em 1982, em Lagos, Nigéria, Karo Akpokiere vem criando visualidades com fragmentos da sua história ou de narrativas contadas por outras pessoas, com uma evidente intenção de se endereçar a grandes públicos, grupos com os mais diversos repertórios. Ele tem construído um vasto material que proporciona certo embaralhamento entre arte e vida, uma vez que abre inúmeras possibilidades para pensar a relação entre as pessoas e os espaços, sobretudo territórios que se constituem no *entre*.

Akpokiere, que atualmente vive entre Alemanha e Nigéria<sup>1</sup>, produziu uma espécie de livro de artista em *Zwischen Lagos und Berlin*, cujas páginas foram enquadradas e expostas em sequência e cuja materialidade é uma mixagem de formatos como cartas, perguntas, cartões postais e história em quadrinhos. Construída com 25 pares de quadros de pequenas dimensões, pintados com guache, acrílica, caneta e tinta, a obra é de 2015 e foi inicialmente exposta na 56ª Bienal de Veneza<sup>2</sup>.

*Zwischen Lagos und Berlin* esteve em exposição no Brasil no 20º Festival de Arte Contemporânea Sesc\_Videobrasil, em novembro de 2017, no SESC Pompeia na cidade de São Paulo. Na ocasião, a obra foi apresentada em uma grande parede branca com os quadros dispostos em linha reta, bem alinhados, fixados na altura dos olhos. Um tipo de acomodação que contrastava com a profusão caótica de frases, números, desenhos, símbolos e textos em inglês e alemão.

Elaborada em linguagem direta e com forte influência do design gráfico, a produção inscreve questionamentos e observações que emergiram das

---

<sup>1</sup> Movimentação que dá, inclusive, nome ao trabalho, o qual pode significar “Entre Berlim e Lagos”, em tradução livre.

<sup>2</sup> Imagens da obra podem ser acessada no site do artista, por meio do endereço: <https://www.karoakpokiere.com/Venice-Biennale-Zwischen-Lagos-und-Berlin>

experiências do artista entre as duas cidades, os dois países, e entre África e Europa. Destaca-se a apropriação de signos da religião, da política, da publicidade e do grafite, colhidos na observação do cotidiano.

Nos cinquenta quadros que constituem o trabalho, Akpokiere aciona diversos elementos de um *entre-lugar* que vem sendo construído entre Lagos e Berlim, e, talvez, também se refira à relação entre a União Europeia e as demais partes do mundo, especialmente com a porção que tem sido denominada de Sul Global<sup>3</sup>. Ele mobiliza inúmeros componentes, sublinhando a violência nos regimes de seletividade das fronteiras, no monopólio dos Estados-nação sobre a mobilidade humana e na ficção da cidadania baseada em territórios geográficos, ao mesmo tempo que aponta para as possibilidades de criação de singularidades no encontro e na composição entre mundos.

## 2 Perguntas e deslocamentos

Em meio aos quadros que compõem *Zwischen Lagos und Berlin*, três deles adotam a pergunta como forma. Neles, em tradução livre, podemos ler:

*Woher kommst du?* [De onde você é?]

*Warum ist bewegung kompliziert?* [Por que o movimento é complicado?]

*Wer hat das haus von 28 türen vebrannt?* [Quem queimou a casa de 28 portas?]

Cada uma dessas questões produz e introduz um universo de assuntos e discussões, pois contêm em si uma potência germinativa, de abertura de possibilidades. Nesse sentido, antes de pensar diretamente sobre os problemas inscritos nas três indagações, é importante observar a escolha formal. Akpokiere aciona a frase interrogativa direta para nos posicionar diante dos temas abordados por ele. Um tipo de operação linguística que gera certa suspensão, exigindo do interlocutor uma pausa, uma lentificação do pensamento.

---

<sup>3</sup> Em geral, essa expressão costuma ser utilizada para designar países que, anteriormente, eram nomeados de “terceiro mundo” ou “em desenvolvimento”. Contudo, o Sul Global pode significar também uma relação, e não uma operação binária ou um objeto em si: um lugar excêntrico, deslocado do centro euro-americano e com certa história comum de colonização ou subalternização (COMAROFF; COMAROFF, 2015).

Não que o artista esteja procurando respostas rápidas, absolutas, mas, pelo contrário, a impressão é que há um interesse pelo movimento questionador, pela multiplicidade que pode derivar daí. Akpokiere se distancia da pacificação proporcionada pelas afirmações assertivas, pois parece saber que, mesmo diante de resposta inflexível, as perguntas não costumam se calar, porque continuam pulsando para além de qualquer conclusão decisiva.

De certo modo, perguntar confunde-se com a liberdade e com o exercício crítico do pensamento. Questionar as coisas e compreender que nada é simplesmente porque é se impõe como um tormento necessário – descoberto precocemente pelas crianças e, muitas vezes, abandonado prematuramente pelos adultos. Nada é natural, e tudo tem um onde, um como, um quando, um a quem interessa. E as indagações, essas partículas discursivas, incidem justamente na possibilidade de desnaturalização do mundo.

A matemática e filósofa Tatiana Roque (2002) nos lembra que não saber a resposta ou solução para um determinado problema é considerada uma falha do sujeito cognoscente. Como se o desconhecimento fosse uma falta e como se toda pergunta necessitasse efetivamente de uma asserção. Em geral, os problemas são construídos por meio de soluções já prontas, contudo “[...] um problema não é uma falta que virá a ser preenchida pelo conhecimento da solução preexistente, mas é uma criação, uma novidade, um vir-a-ser que traz à realidade algo que nunca existiu” (ROQUE, 2002, p. 141).

Grada Kilomba aponta o campo das artes como importante arena de luta pelo reavivamento da potência de perguntar. Em entrevista a Theresa Sigmund, e levando em consideração sua experiência como professora universitária e como artista, Kilomba avalia que “na Academia, produzimos conhecimento ao produzir respostas. Já nas artes, produzimos conhecimento ao produzir questões. [Trata-se de] [...] uma poderosa força para transformação” (KILOMBA, 2018, s/p).

Nesse sentido, os problemas acionados por *Zwischen Lagos und Berlin* interessam-se por essa força transmutativa e não desejam ser respondidos, encerrados, pacificados. São perguntas que não se calam, porque vibram e

germinam, produzindo desnaturalizações e rachaduras em discursos oficiais, em narrativas do apagamento.

Com isso, evidencia-se que as perguntas nunca se esgotam em possíveis soluções, uma vez que se trata de um ato de criação cuja substância é a contínua produção de variações. Nesse viés, Akpokiere formula questões para recolocar problemáticas ou rememorá-las, impedindo o desaparecimento da multiplicidade sob repostas únicas. Enfatiza a necessidade de estimular a circulação de problemas e favorecer a expansão do movimento questionador, que nada mais é do que a gênese do conhecimento.

Diante de tudo isso, quais seriam as possibilidades de resposta para as perguntas do artista – *De onde você é? Por que o movimento é complicado? Quem queimou a casa de 28 portas?*

Esse é um conjunto de questões diretamente ligado ao incêndio criminoso da instalação *Das Haus der 28 Türen* (A casa das 28 portas), ocorrido em Berlim, em 31 de março de 2015 (DAS HAUS..., 2015). O trabalho foi criado pelo coletivo de artistas *Bewegung Nurr*, composto por Florian Göpfert, Alekos Hofstetter, Christian Steuer, e era dedicado aos migrantes e refugiados na Europa, especialmente àqueles que se deslocaram para a Alemanha, particularmente Berlim.

*Das Haus der 28 Türen* era uma espécie de cabana com 28 portas alinhadas, indicando todos os países que fazem parte da União Europeia. Essas portas permaneciam abertas, enquanto no centro da edificação, que era coberta por um teto transparente, havia três monitores reproduzindo as histórias narradas pelos refugiados que atualmente vivem em Berlim. Eram entrevistas nas quais as pessoas falavam sobre suas trajetórias singulares, bem como sobre a experiência de familiares ou amigos que morreram no processo de deslocamento para a Europa (28 DOORS, 2014).

Esse projeto foi incendiado durante sua exposição na Oranienplatz, praça no bairro de Kreuzberg, em Berlim, onde nasceu o movimento OPlatz. Trata-se de um movimento de protesto pró-imigração e em oposição à Lei *Residenzpflicht*, que obriga as pessoas com *status* de refugiado a viverem dentro de certo

perímetro geográfico ou mesmo em *lagers*<sup>4</sup>, espécie de campos de concentração contemporâneos, além de impedi-las de trabalhar e estudar na Alemanha até terem seus papéis aprovados. De outubro de 2012 a abril de 2014, vários imigrantes, sobretudo de origem africana, realizaram um ato de desobediência civil contra a *Residenzpflicht* e saíram dos seus perímetros predefinidos ocupando Oranienplatz, localizada em uma região nobre da capital alemã. Em 2014, a maior parte dos imigrantes que estavam na ocupação teve os pedidos de refúgio negados e foram obrigados a sair daquele local. No entanto, a mobilização do grupo permaneceu ativa e Oranienplatz tornou-se um ponto de resistência (OPLATZ, s/d; VICE, 2014).

Akpokiere esteve ativamente envolvido no movimento OPlatz, e foi a partir dessa experiência que ele produziu parte do trabalho *Zwischen Lagos und Berlin*, marcadamente a sequência de perguntas transcritas no início desta subseção (BERLINER HERBSTSALON, 2015). Perguntas, portanto, que foram direcionadas ao vasto universo da mobilidade humana, da desigualdade de circulação, bem como à violência praticada contra aqueles que ousam sair dos lugares que lhes foram determinados – aspecto evidente na indiferença de grande parte da Europa em relação à morte das inúmeras pessoas que tentam chegar ao continente ou mesmo ao ataque criminoso contra *A casa de 28 portas*.

### 3 Entre lugares

Como apontado anteriormente, as frases interrogativas carregam em si a potência de produzir aberturas, espaços intersticiais entre quem as enuncia e quem as acolhe. Trata-se de um tipo de força que age pelo meio, proporcionando a criação de singularidades. Akpokiere, contudo, não fixa essa potência apenas na categoria das perguntas, pois ele aciona também outras dimensões relacionais capazes de produzir zonas de indeterminação e heterogênesse.

O artista recorre às narrativas do cotidiano, pessoais ou não, para mobilizar diversos lugares de intercontatos. Por exemplo, em um dos quadros da obra, há um conjunto de roupas de verão que contrasta com a indicação de uma

---

<sup>4</sup> Acampamentos isolados e sob vigilância estatal.

temperatura de menos cinco graus, além de nuvens indicando chuva. Especificamente, essa imagem diz respeito a um episódio no qual ele se vê usando roupas de verão em pleno inverno berlinense e é “lembrado” disso por uma amiga, que lhe mostra essa “inadequação” do vestuário. Nessa ilustração, Akpokiére chama a indumentária para dias quentes de “os conjuntos de equipamentos prioritários para hoje”, entre os quais se destaca uma camiseta com os dizeres: “refugiados sem fronteiras”.

Em outra imagem de *Zwischen Lagos und Berlin*, um rapaz caminha guiado por uma tela que enquadra um céu radiante, enquanto ao seu redor se enreda uma enorme devastação. Na camiseta desse mesmo rapaz, sobressai uma estampa na qual há um grande muro que embarreira uma multidão que parece tentar atravessar.

Entre muitos elementos, tais composições parecem ressaltar duas grandes problemáticas. Em primeiro lugar, a inscrição de um interstício entre Lagos e Berlim a partir de experiências do dia a dia. Relações não idealizadas que se afirmam em um espaço aberto, instável, no meio destes mundos, produzindo um território que tensiona especificidades locais, bem como as multiplicidades de outros universos. Trata-se de uma verdadeira maquinação de outramentos no instável *intermezzo* entre singularidades.

Para Homi Bhabha, no contemporâneo,

Esses “entre-lugares” fornecem terreno para a elaboração de estratégias de subjetivação – singular ou coletiva – que dão início a novos signos de identidade e postos inovadores de colaboração e contestação, no ato de definir a própria ideia de sociedade. É na emergência dos interstícios – a sobreposição de domínios da diferença – que as experiências intersubjetivas e coletivas de nação [nationness], o interesse comunitário ou o valor cultural são negociados (BHABHA, 2013, p. 20).

Nesse viés, em entrevista a Aïcha Diallo, Akpokiére recorda-se da sua juventude na Nigéria, e afirma que

Crescer em Lagos nos anos 80 foi muito interessante, pois havia uma combinação bem equilibrada de grande conteúdo local e conteúdo estrangeiro na mídia. Esse equilíbrio me proporcionou uma apreciação saudável por diferentes culturas e também por

mim. Um não era necessariamente melhor que o outro. O design gráfico, os livros, desenhos de padrões, os cartuns, etc. desempenharam um papel importante na formação da minha identidade visual e no meu senso do que é arte e para que pode ser usada - muito mais do que visitas a galerias de arte e instituições<sup>5</sup> (AKPOKIERE, 2015, s/p, tradução nossa).

O artista assume, assim, uma posição extrainstitucional, evidenciando um forte interesse em promover embaralhamentos cotidianos entre arte e vida, bem como mixagens entre dimensões locais e globais. Desse modo, produz uma linguagem muito próxima ao *design*, buscando reunir diferentes camadas de significações, ao mesmo tempo em que procura acessar o maior número possível de pessoas. Contudo, não se trata apenas de simples comunicação, mas de uma ampliação de sensibilidades no cotidiano.

Uma segunda dimensão diz respeito à instrumentalização de imigrantes sem acesso à documentação como importantes mecanismos para sustentação da economia europeia, pois contingentes expressivos de estrangeiros indocumentados são submetidos a jornadas exaustivas de trabalho precário e com baixíssima remuneração, gerando lucro para os contratantes e mesmo para o Estado de acolhida, através do pagamento de impostos associados ao consumo. A partir de uma ideia essencialista de cultura e de uma paranoia nacionalista, se tem negado a cidadania local aos migrantes indocumentados, sob justificativas inventadas de ilegalidade. Desse modo, diversas engrenagens institucionais e simbólicas vão produzindo contextos de vulnerabilidade que obrigam grande parte dessas pessoas a aceitar condições de trabalho insalubres e extremadas, o que destrói muitas possibilidades de existência.

Os desenhos e imagens de *Zwischen Lagos und Berlin* revelam, portanto, forte componente político, ao destacarem a arbitrariedade das fronteiras e a necessidade de alargar a liberdade de circulação e as formas de coabitação no planeta. Indicam também as necropolíticas operadas pelo delírio do Estado-

---

<sup>5</sup> Na versão original: “Growing up in Lagos in the eighties was really interesting, as there was a well-balanced combination of great local content and foreign content in the media. This balance provided me with a healthy appreciation for different cultures as well as my own. One wasn't necessarily better than the other. The graphic design, the books, pattern designs, the cartoons etc. played a major role in the formation my visual identity and in my having a sense of what art is and what it can be used for – much more so than visits to art galleries and institutions”.

nação em sua compleição territorial e identitária. No entanto, uma significativa linha de força que emerge daqui é a riqueza dos *entre-lugares*, cujas bases são o pluralismo e a polifonia translocal – uma lógica que reconhece as inúmeras variações que se constituem no encontro entre diferenças e salienta a potência do vir a ser, em detrimento de assustados movimentos reativos ou conservadores.

### Notas finais

A partir de *Zwischen Lagos und Berlin*, Karo Akpokiere retoma e afirma, de muitas maneiras, a questão da extroversão imanente ao continente africano (BAYART, 1999; MBEMBE, 2014). Trata-se de intenso interesse em direção ao aberto, à interconexão e ao movimento, mesmo em um momento no qual os fluxos humanos têm sido desmaterializados em favor de algoritmos e metadados. A mobilidade de pessoas pelo mundo, pois, parece perder relevância, uma vez que já não é necessária para muitas das operações do capitalismo mundial integrado (GUATTARI, 1981).

Para Achille Mbembe (2014), a África caracteriza-se não apenas por sua multiplicidade, mas também pela mobilidade dos seus habitantes e por uma forte abertura ao estrangeiro, em processos de recodificação e criação de diferenças. É uma perspectiva que valoriza a aprendizagem de mundo baseada nas conexões, nos deslocamentos, no trânsito, resultado de um conhecimento construído por meio das viagens, mediante o estabelecimento de relações. Tais proposições parecem se apoiar na valorização e ampliação de qualquer vida e de suas potências, ao mesmo tempo em que se afastam de uma ideia de essência africana como autenticidade ou origem, destacando uma permanente invenção de formas contra o já instituído.

No entanto, pensamentos colonialistas e suas práticas decorrentes insistem em exigir a renúncia das singularidades africanas, das suas circulações e das suas extroversões. Tudo isso em favor de uma lógica de fronteiras, de sedentarizações fechadas em si e de servidão ao localismo do Ocidente.

Nesse sentido, *Zwischen Lagos und Berlin* indica a necessidade de retomar o controle das condições e possibilidades de criar vida em interrelação, mas sem dependências, e lutar pela abertura de novos horizontes, para que o mundo por vir não seja uma reedição piorada do presente. O repertório mobilizado por Akpokiere evidencia, pois, desafios e possibilidades para a constituição de poéticas e sensibilidades, reunindo elementos que expressam diversas formas de deslocamento e destacam a intensa circulação entre mundos como parte importante da assinatura africana.

Por fim, se para Bourriaud (2011, p.124) “a relação dos artistas contemporâneos com a história da arte se dá, hoje em dia, sob o signo do deslocamento, mediante o uso de formas nômades [...]”, para Akpokiere as experiências de mobilidade e migração são muito mais diversas e ultrapassam as cercanias das artes. Embora a ideia de deslocamento tenha relações com as derivas situacionistas ou mesmo com o *flâneur* e *happenings* dadaístas (GOMES, 2017), *Zwischen Lagos und Berlin* vai mais além, abordando experiências do próprio artista e de pessoas comuns, apoiando-se em uma aproximação radical entre política, vida, e as prementes questões do contemporâneo.

## Referências

28 DOORS. [site]. Disponível: [<https://www.28doors.eu/english/project>]. Acesso em: 20 de ago. de 2018.

AKPOKIERE, K. Venice Biennale 2015 - Karo Akpokiere: On drawing shoes and movement. Entrevista concedida a Aïcha Diallo *Contemporary And*, 19/6/2015. Disponível: [<https://www.contemporaryand.com/magazines/karo-akpokiere-on-drawing-shoes-and-movement/>]. Acesso em: 20 de ago. de 2018.

\_\_\_\_\_. Karo Akpokiere [site]. Disponível em: [<https://www.karoakpokiere.com/Venice-Biennale-Zwischen-Lagos-und-Berlin>]. Acesso em 28 de outubro de 2018.

BAYART, J.F. L’Afrique dans le monde: une histoire d’extraversion. *Critique internationale*, Paris, vol. 5, p. 97-120, 1999.

BERLINER-HERBSTSALON. Karo Akpokiere. *Berliner-Herbstsalon*, 2015. Disponível: [<https://www.berliner-herbstsalon.de/zweiter-berliner-herbstsalon/kuenstlerinnen/karo-akpokiere>]. Acesso em: 20 de ago. de 2018.

BHABHA, H. *Local da cultura*. Belo Horizonte: Ed. da UFMG, 2013.

BOURRIAUD, N. *Radicante* - por uma estética da globalização. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

COMAROFF, J.; COMAROFF, J. Sobre o Sul, e teoria. In: MOURA, S. (org.). *Panoramas do Sul: Leituras: Perspectivas para outras geografias do pensamento*. São Paulo, Edições Sesc São Paulo, 2015, p. 81-93.

DAS HAUS der 28 Türen in Kreuzberg Kunstprojekt für Flüchtlinge in Brand gesetzt. *Berliner Zeitung*, 31/3/2015. Disponível: [ <https://www.berliner-zeitung.de/berlin/-das-haus-der-28-tueren--in-kreuzberg-kunstprojekt-fuer-fluechtlinge-in-brand-gesetzt-1140334/>]. Acesso em: 20 de ago. de 2018.

GOMES, P. Por uma estética radicante: deslocamento, experiência e cidade. *Estudos Avançados*, São Paulo, v. 31, n. 91, p. 143-156, 2017.

GUATTARI, F. *Revolução molecular*. Pulsações políticas do desejo. São Paulo: Brasiliense, 1981.

KILOMBA, G. Conversa com Grada Kilomba: Habitando um espaço de atemporalidade. Entrevista concedida a Theresa Sigmund. *Contemporary And AL*, 26/2/ 2018. Disponível: [http://amlatina.contemporaryand.com/pt/editorial/grada-kilomba/]. Acesso em: 20 de ago. de 2018.

MBEMBE, A. A ideia de um mundo sem fronteiras. *Revista Serrote* - Revista de ensaios do Instituto Moreira Salles. São Paulo, n.31, março de 2019. Disponível: [https://revistaserrote.com.br/2019/05/a-ideia-de-um-mundo-sem-fronteiras-por-achille-mbembe/]. Acesso em: 01 de out. de 2019.

\_\_\_\_\_. Existe um único mundo apenas. In: VIDEOBRASIL. *Cadernos Sesc\_Videobrasil: geografias em movimento*, n. 9. São Paulo, Sesc São Paulo, 2013.

\_\_\_\_\_. *Sair da grande noite: ensaio sobre a África descolonizada*. Mangualde; Luanda: Edições Pedagogo; Edições Mulemba, 2014.

OPLATZ. [site]. Disponível: [https://oplatz.net/about/]. Acesso em: 20 de ago. de 2018

ROQUE, T. Sobre a noção de problema. *Revista lugar comum*, Rio de Janeiro, v. 17, n. 23-24, p. 135-146, 2002.

VICE. Os Refugiados de Berlim se Expulsaram de Seu Próprio Acampamento de Protesto. *Vice*, 11/4/2014. Disponível: [https://www.vice.com/pt\_br/article/bmg7zz/os-refugiados-de-berlim-se-expulsaram-de-seu-proprio-acampamento-de-protesto]. Acesso em: 20 de ago. de 2018.